

# LEITORAS COM CORAÇÃO: USOS DE LEITURA DOS ROMANCES SENTIMENTAIS DE MASSA

*Readers with heart: uses of reading in popular  
sentimental novels*

Simone Meirelles Rodriguez\*

“Romances com coração” foi o slogan usado pela Editora Nova Cultural nos anos 8 do século XX para promover os livros das séries sentimentais de massa *Sabrina, Julia, Bianca e Barbara Cartland*. O coração é usado para explicitar a relação que as leitoras tinham com a leitura. Algo emocionante, íntimo, pessoal. Sucessos de vendas, com tiragens que chegavam a seiscentos mil exemplares por mês,<sup>1</sup> foram livros lidos por uma geração de mulheres brasileiras, das mais variadas classes sociais, desde o lançamento da primeira das séries, *Sabrina*, em 1978.

Os romances sentimentais da Nova Cultural sobrevivem ainda hoje em edições semanais nas bancas de revistas, podendo ser adquiridos também por assinaturas. As tiragens médias das séries em 2002 alcançavam, somadas, segundo a editora, 250 mil exemplares ao mês, número bem abaixo da época do *boom* de vendas das séries, mas ainda assim bastante significativo diante da

\* Doutoranda em Letras pela Universidade Federal do Paraná.

1 SILVA, Paulo Sérgio. *Leitoras indiscretas visitam as bancas*. São Paulo, 1994. 21f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Departamento de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, p. 95.

realidade do mercado editorial brasileiro. Em 2004, a editora mudou o formato dos livros, o tipo do papel e lançou duas novas séries, *Mirella* e *Super Sabrina*, quinzenais, mantendo além dessas as séries sentimentais *Sabrina*, *Julia*, *Bianca*, *Clássicos Históricos*, *Clássicos Históricos Especial*, *Bestseller*, *Superomance* e *Sabrina Especial*. Tudo isso supõe um fôlego ainda grande para as séries sentimentais. Mas são as leitoras – leitoras “com coração”, apaixonadas pela leitura e fiéis às séries sentimentais – o foco deste artigo. Lidar com a complexidade das relações entre leitoras e leituras, buscando entender como as pessoas lidam com esses textos, pode contribuir para encontrar caminhos para um trânsito maior de obras literárias entre um público mais extenso.

Inicialmente, é preciso lembrar que os romances sentimentais são parte da literatura de entretenimento ou literatura de massa, definições que designam repertórios literários marginais, em princípio depreciados pela crítica literária. Em geral, os motivos dessa depreciação baseiam-se na avaliação estética dessas obras e no fato de serem escritas e publicadas com uma finalidade comercial explícita. Nas últimas décadas, contudo, muitos críticos estão buscando reavaliar os mecanismos que levam a essa marginalidade e incorporar esses objetos ao campo das reflexões acadêmicas sistemáticas sobre as variadas manifestações culturais e literárias que nelas se desenvolvem e delas se podem nutrir.

Segundo Silvia Borelli:

Literatura de cordel, melodrama e romance popular ocupam, ainda na atualidade, espaços significativos no contexto cultural, conjuntamente a outras formas mais contemporâneas como romance policial, ficção científica, quadrinhos, fotonovelas, radionovelas e telenovelas. Consolidar outras histórias literárias pressupõe confirmar a articulação entre matrizes populares, manifestações da cultura de massa e elementos da cultura erudita.<sup>2</sup>

Produzida em massa, para consumo de grande número de leitores, a literatura de entretenimento tem um objetivo como produto, que se cumpre nas grandes vendas e na popularidade alcançada. Os romances sentimentais da Nova Cultural são traduzidos de originais publicados pela Harlequin Books, do Canadá.<sup>3</sup> Uma das maiores empresas do gênero no mundo, a Harlequin criou

2 BORELLI, Silvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção*. Literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo: Educ, Estação Liberdade, 1996. p. 45.

3 No início de 2004, a Nova Cultural trocou de parceiro e passou a publicar obras editadas pela Kensington Publishing Corp. NY, de Nova York, EUA.

uma verdadeira “linha de produção” de romances sentimentais, incluindo instruções bastante claras aos autores sobre o conteúdo dos livros, como descrito em 1978:

The publishers offer the following guidelines to prospective authors:

Harlequins are well-plotted, strong romances with a happy ending. They are told from the heroine’s point of view and in the third person. There may be elements of mystery or adventure but these must be subordinate to the romance. The books are contemporary and settings can be anywhere in the world as long as they are authentic.<sup>4</sup>

Pouco mudou nos romances publicados hoje, em relação ao guia fornecido pela editora nos anos 70. Os romances continuam seguindo a fórmula de romances de amor com final feliz. Os enredos têm uma organização linear, obedecendo à cronologia dos fatos, ligados por relações de causa e efeito. O princípio da verossimilhança é respeitado, ou seja, os autores procuram dar aos fatos a aparência de verdade, ou pelo menos uma certa plausibilidade aos fatos narrados. Os romances contam sempre a história de um casal apaixonado. No enredo a ação é privilegiada, girando em torno do destino do herói e da heroína.

A dissertação de mestrado *Das bancas ao coração: romances sentimentais e leitura hoje*<sup>5</sup> teve um capítulo dedicado a entrevistas com leitoras, questionando os usos de leitura e formas de relacionamento e entendimento com e dos textos. Previsto inicialmente para integrar como apêndice a dissertação que resultaria daquela pesquisa, esse capítulo revelou-se cheio de potencialidades, abordadas agora, ao menos parcialmente, a partir das entrevistas realizadas com dez leitoras de romances sentimentais. Essas entrevistas, que constam na íntegra na dissertação, são citadas neste artigo, preservando a identidade das entrevistadas, conforme no original.

<sup>4</sup> “Os editores oferecem as seguintes normas de procedimentos para autores em prospecção: Harlequins são bem tramados, vigorosos romances com um final feliz. Eles são contados pelo ponto de vista da heroína e em terceira pessoa. Podem conter elementos de mistério ou aventura, mas estes devem ser subordinados ao romance. Os livros são contemporâneos e podem ser localizados em qualquer lugar do mundo, desde que seja autêntico”. MODLESKI, Tania. The writer’s 1978 yearbook. In: \_\_\_\_\_. *Loving with a vengeance*. p. 35-36.

<sup>5</sup> MEIRELLES, Simone. *Das Bancas ao Coração: romances sentimentais e leitura hoje*. Curitiba, 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná.

As formas de leitura revelam muitas vezes mais sobre o leitor do que sobre a obra. É o leitor que concretiza o sentido do texto. “A leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação produtiva entre o texto e o leitor”.<sup>6</sup> Mesmo que o texto programe uma recepção passiva, prevendo a assimilação de um conteúdo previsível, a leitura depende do leitor.

Os romances sentimentais publicados pela Nova Cultural são previsíveis, conforme as regras ditadas pelas editoras originais. As leitoras sabem exatamente o que vão encontrar nos romances; não esperam e nem desejam que eles sejam diferentes. Isso já estabelece uma projeção de leitura possível. “Num modo geral, a obra define seu modo de leitura pela sua inscrição num gênero e seu lugar na instituição literária. O gênero remete para convenções tácitas que orientam a expectativa do público”.<sup>7</sup> Está formado assim o “pacto de leitura”. Por isso, se nos romances sentimentais os finais são sempre felizes, se a ascensão social acontece sem conflitos, se o relacionamento amoroso é a solução para os problemas das mocinhas casadoiras, não há problema algum, do ponto de vista das leitoras. Afinal, é justamente a possibilidade de sonho que os textos proporcionam uma das principais motivações de leitura manifestadas pelas entrevistadas. As leitoras querem imaginar-se no lugar da heroína, querem se deixar levar pelo enredo, viajar na imaginação. Esses sonhos podem levar a muitos caminhos, alguns deles fora do plano imaginário. “Nenhum leitor absorve passivamente um texto; nem este subsiste sem a invasão daquele, que lhe confere vida, ao completá-lo com a força de sua imaginação e o poder de sua experiência. Como essas propriedades são, por sua vez, mutáveis, as leituras variam, e as reações perante as obras sempre se alteram”.<sup>8</sup> Em sua maioria, as leitoras dos romances sentimentais conhecem os limites entre a realidade de suas vidas no Brasil de altos e baixos econômicos, com poucas oportunidades de ascensão social, e o sonho das heroínas em cidades norte-americanas ou capitais do mundo, prontas a conhecer em cada esquina um milionário apaixonado. A fantasia e o fazer sonhar são partes inerentes da proposta das séries da Nova Cultural, sem as quais essas coleções não alcançariam sua popularidade.

Se, como diz Jauss, a literatura “se manifesta na sua plenitude quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativa de sua vida prática, pré-formando seu entendimento do mundo e, assim, retroagindo sobre seu comportamento social”,<sup>9</sup> ela pode levar o leitor a uma percepção diferente

6 JOUVE, Vincent. *A leitura*. Tradução de: Brigitte Hervor. São Paulo: Unesp, 2002. p. 61.

7 *Ibid.*, p. 67.

8 ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001. p. 51.

9 JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. São Paulo: Ática, 1994, p. 50.

do mundo, e é o que acontece com algumas leitoras entrevistadas. A leitora age menos dentro do texto do que fora. É no real que ela parece projetar o texto lido. G.F.C.,<sup>10</sup> uma leitora contumaz de romances sentimentais, diz que a leitura a ajuda a “ter mais atitude” e expor com mais facilidade seus sentimentos. Já a auxiliar de cozinha E.A.S. pensa em voltar a estudar, inspirada pelas heroínas bem sucedidas profissionalmente: “Às vezes quando eu leio alguma coisa que as personagens têm seu emprego, apesar que a gente trabalha e tudo, dá vontade de voltar a estudar, de fazer uma faculdade, alguma coisa”.<sup>11</sup> Ela revelou em sua entrevista que pretendia voltar aos estudos.

Há também leitoras que buscam levar para dentro do seu cotidiano aspectos da ficção. É o caso da leitora M.E.L., que tenta colocar mais romantismo no casamento, atribulado com fatores como filhos e rotina:

De repente você termina de ler um romance carinhoso, e você tem aquele carinho com o teu esposo. A mulher, né, porque homem não se liga nessas coisas. Às vezes você quer fazer um carinho, um tipo de vida meio parecido com aquele romance. Então às vezes você muda no sentido de ficar pensando, poxa vida, eu faço isso, mas eu poderia fazer aquilo do romance. Então às vezes você cria uma situação romântica. Então eu acho que ajuda no sentido de mudar um pouco o seu jeito de viver, porque às vezes o dia-a-dia é tão triste, no sentido de que você corre pra lá e pra cá, é filho, marido, casa, trabalho. E você lê um romance desses, vê aquelas mocinhas tão calminhas, e você pensa, vou chegar em casa hoje e vou fazer um carinho no meu marido. Muda de alguma maneira.<sup>12</sup>

Não fica claro no depoimento se ela se refere a sexo ou a situações românticas de forma geral, mas o que parece mais importante é que de alguma forma essa leitora está tentando mudar sua vida para melhor, de forma prática, inspirada pela leitura fácil dos romances sentimentais. Ao tentar sair do dia-a-dia “tão triste”, cuidando de “filho, marido, casa, trabalho”, a leitora busca traçar para si um caminho um pouco mais próximo dos seus sonhos, mas ainda assim dentro de sua realidade. Longe de criar uma situação de atrito conjugal, essa

10 G.F.C., 36 anos, atendente de confeitaria, “Depoimento 1” constante na dissertação *Das bancas ao coração*. (MEIRELLES, 2002)

11 E.A.S., 36 anos, auxiliar de cozinha, “Depoimento 5”.

12 M.E.L., 36 anos, secretária, “Depoimento 8”.

tentativa, pelo depoimento, agrada ao marido, que parece ver também nessas atitudes formas de inovar no cotidiano, apesar de, ao ser convidado a ler um trecho considerado particularmente interessante, ter dito à esposa: “eu não vou ler esses livrinhos, esses livrinhos são pra mulher”, colocando a leitura em desvantagem, menos pelo conteúdo e mais pelo público-alvo.

Uma outra percepção possível dessa situação narrada é que a leitura do romance sentimental repõe a mulher na posição daquela a quem sempre cabe prover o outro de atenção emocional, diante das atribulações do cotidiano prático, “tão triste”, como sublinha M.E.L., em comparação ao paraíso cor-de-rosa dos romances. A alternativa que emerge é a valorização do comportamento das heroínas “tão calminhas” e carinhosas. Não ocorre à leitora propor ao companheiro que reavalie o ritmo de vida e a qualidade emocional da relação. Aliás, ao insinuar uma tentativa de partilhar com ele um fragmento da leitura que a ela parece especialmente “interessante” – eis aí o desejo de constituir as bases de uma identidade partilhada, tão significativa nas relações afetivas em geral – encontra a reação desdenhosa do companheiro.

Parece coerente afirmar que, mais que fazer da leitura apenas o caminho do sonho, da fantasia, as leitoras interagem com os textos, envolvem-se e muitas vezes buscam estabelecer relações entre as suas experiências pessoais e as formulações ficcionais. É o momento em que a leitura é utilizada como contraponto à história pessoal. Assim, a leitora I.G.B., perita criminal, usou um fato de sua vida como medida para reprovar a atitude de uma personagem de romance, como no já citado caso da criança adotada: “Era um caso de uma menina que encontrou dentro do carro uma criança. E a moça se apavorou tanto que em vez de procurar logo o atendimento legal, ela escondeu a criança. E eu tenho minha filha adotiva, e eu achei totalmente errado”.<sup>13</sup> Observa-se que a leitora atinge o estágio de leitura crítica; a identificação se desfaz ou perde a força, e a ela se permite discordar do texto.

Habitualmente, os romances sentimentais trazem situações e personagens praticamente impossíveis de serem encontrados na vida real, no que não são exceções. “Dos modelos de astros de cinema aos protagonistas dos romances de amor, até os programas de TV para a mulher, a cultura de massa, o mais das vezes, representa e propõe situações humanas sem conexão alguma com as situações dos consumidores e que, todavia, transformam-se para eles em situações-modelo”.<sup>14</sup> Entretanto, de forma geral, segundo os depoimentos, essas

13 I.G.B., 58 anos, perita criminal, “Depoimento 3”.

14 ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Nova Cultural, 1999. p. 25.

situações-modelo não são consideradas como viáveis pelas leitoras, mas como pontos de partida para uma mudança de cotidiano ou apenas uma miragem, distante demais para tornar-se realidade, mas ainda assim dentro do espaço do sonho.

Ver-se ou imaginar-se na personagem do romance não faz da leitora alguém que confunde o real com o imaginário. Querer que a vida seja melhor, imaginar que seja diferente do que é, não significa negar o que ela realmente seja, ou ser necessariamente infeliz com a sua realidade. Seria mais prudente perguntar o porquê da necessidade de fuga, da necessidade da fantasia, do que condenar a fantasia em si. Apesar disso, é fato que o desencanto com a realidade e a passividade afloram em alguns depoimentos, e o sonho é o único lugar onde uma plenitude amorosa e mesmo pessoal é possível: “Ali eles retratam bem essa parte romântica que toda mulher, digamos assim, escondida, sonha. Ainda mais se a mulher é como eu, com 20 anos de casada, onde não sei se é por a gente não ter sabido cativar, mas também não sobrou muita coisa disso”.<sup>15</sup> Em sua culpa por “não ter sabido cativar” ou quem sabe não ter sabido lutar por uma vida amorosa mais satisfatória, a leitora vê nos romances sentimentais seu caminho de sonho, de realização através da felicidade perfeita da personagem, que não é a sua mas que incorpora, pelo menos por uma tarde de domingo. Seria o que Adorno chama de “satisfação compensatória”,<sup>16</sup> propiciada pela indústria cultural, mas conscientemente assumida, e não incorporada sem questionamento. Ao fantasiar através dos livros, a leitora encontra no campo da imaginação o que a realidade não proporciona, simplesmente porque as situações-modelo descritas nos romances não são, efetivamente, do campo do real, mas da idealização.

Por outro lado, esse prazer compensatório pode ser entendido como duplamente pernicioso: primeiro por seu caráter ilusório, já que se baseia em representações desprovidas de bases reais efetiváveis; em segundo lugar, por redirecionar a energia psicológica do desejo efetivo de transformar sua vida para a satisfação vicária obtida na experiência de leitura, o que reiteraria, no entendimento de Adorno, a impossibilidade de qualquer ação realmente transformadora. Essa é uma visão possível. Outra seria que, em atos e pensamentos inspirados pela leitura, as leitoras tentam melhorar suas vidas de forma prática. Isso não poderia levar em última análise a alguma forma de transformação, posterior, quem sabe?

15 B.M.M., 40 anos, bancária, “Depoimento 9”.

16 ADORNO. *A indústria cultural*. p. 99.

Uma das observações mais interessantes dos reflexos da leitura na vida das leitoras é o fato de que não são poucas as que se inspiram a escrever. Não é um sentimento isolado: “Todo leitor, um pouco apaixonado pela leitura, alimenta e recalca, pela leitura, um desejo de ser escritor”.<sup>17</sup> Tirando partido desse fato e usando o estímulo à escrita como fator de aumento da demanda de leitura, a Editora Nova Cultural já realizou dois concursos de contos de amor, sendo que o mais recente, realizado em 2002, teve uma publicação encartada num romance, em 2003, com os contos vencedores. A editora ao mesmo tempo estimula a leitura dos romances e faz com que a leitora se sinta uma escritora, tal qual as “autoras premiadas” apresentadas nos livros das séries sentimentais.

Leitoras que procuram escrever histórias de amor deixam a postura de receptoras e tornam-se produtoras de textos. É preciso ressaltar que produzir textos a partir da leitura é relevante, o que não quer dizer que essas leitoras-escritoras não estariam meramente reproduzindo os modelos e convenções dos romances que consomem, mas tomar a atitude de escrever representa deixar a postura passiva e assumir uma relação ativa com os textos dos romances sentimentais. Escrevendo, acreditando em sua própria capacidade de criar e narrar enredos românticos, a leitora imbuí-se de importância, assume a responsabilidade de entreter e fazer sonhar outras leitoras. De consumidora, essa leitora-escritora passa a produtora. É uma inversão que não deve ser desprezada, ainda que raríssimas possam ver seus textos publicados.

## Motivações de leitura: tempo, cultura e sonho

Convivendo com o estigma da escolha da leitura à margem do cânone, as leitoras procuram justificar o gosto pelos romances sentimentais, apontado neles valores que consideram importantes: “É uma forma de cultura, mesmo”.<sup>18</sup> “Acho que você aprende bastante lendo (...) Tem palavras que você não sabe, procura no dicionário, você aprende palavras novas. Acho que tudo que você lê é cultura, é aprendizado”.<sup>19</sup> “Eu digo, não deixa de ser uma cultura, igual às outras. A leitura, independente do que ela é, ela é cultura. Você vê palavras diferentes, que você nunca ouviu falar, que você corre atrás para saber o que é”.<sup>20</sup> Lembrando

17 BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1977, p. 22.

18 E.A.S., 36 anos, auxiliar de cozinha, “Depoimento 5”.

19 V.N.P.O., 32 anos, auxiliar de enfermagem, “Depoimento 7”.

20 M.E.L., 36 anos, secretária, “Depoimento 8”.



os bancos escolares, aprender novas palavras é apontado como fator de aquisição de conhecimento ou, na definição delas, “da cultura”, no sentido de erudição. A valorização da leitura em si também é recorrente, de forma que ao lerem, as leitoras se sentem ingressando num campo restrito e privilegiado, onde poderão, na concepção delas, aprender sobre povos e lugares que possivelmente nunca chegarão a conhecer pessoalmente.

As leitoras também apontam como fator motivador da leitura a pouca atenção que a leitura desses textos necessita.

Como não é uma literatura, não é um livro assim, cheio de detalhes intrincados, igual é uma literatura um pouco mais elaborada, que a gente pode dizer que se você não prestar atenção você vai se perder (...) é uma literatura que se a gente largar no meio de um capítulo e não der mais pra ler hoje, a gente pega amanhã, lê dois, três parágrafos antes e vai continuar e não vai perder nada (...) é uma leitura descompromissada. (...) A Bianca dá oportunidade de a gente ter acesso a uma leitura, ao invés de ficar o tempo inteiro na frente da televisão e você dar andamento na sua casa, na sua família.<sup>21</sup>

Nessa opção pelo que pede pouca atenção, aparece a questão da cobrança do desempenho da mulher nos diversos papéis de mãe, profissional, dona-de-casa, esposa e, não raramente, provedora do sustento da família. É fato comum as leitoras se queixarem da falta de tempo para ler – o que poderia ser entendido por falta de tempo para si mesmas:

Eu sempre gostei de ler (...) Uma das grandes dificuldades depois que eu tive as crianças, foi justamente a constância, de eu poder ler um livro, de uma coisa um pouco mais elaborada, não pode ser duas, três páginas num final de semana e só pegar no outro final de semana.<sup>22</sup>

Não é desconhecido o fato de que as mulheres na sociedade contemporânea são instadas a acumular papéis. Existe a cobrança de um

21 B.M.M., 40 anos, bancária, “Depoimento 9”.

22 Id.

comportamento padrão, aceitável socialmente, em que todas devem desempenhar esses papéis como características próprias do ser feminino e não regras culturalmente criadas. Os romances sentimentais reforçam essas diferenças, contornando os conflitos como se o envolvimento romântico pudesse por fim a eles. Essa possibilidade de atenuação dos conflitos, a aceitação dos papéis que a sociedade impõe como sendo benéficos e prazerosos, pode estar também no cerne da atração feminina pelos romances sentimentais. Sem força, capacidade e/ou vontade de lutar contra os papéis que a sociedade lhes impõe, as leitoras os aceitam e administram, usando os romances como caminho de fuga para um “lugar” onde todos os problemas são resolvidos e têm sempre um final feliz. Essa promessa de solução, sempre cumprida a contento nos romances, não é encontrada nos livros da chamada “literatura culta”.

Muitas das leitoras entrevistadas começaram a ler na adolescência e hoje, na faixa dos 30 e poucos anos, mantêm o hábito adquirido. As motivações para a escolha envolvem necessariamente o sonho. A leitora T.A.S. aponta razões para a leitura:

Tem pessoas que lêem porque querem fugir da realidade, da situação financeira, muito problema familiar, um relacionamento familiar difícil, relacionamento amoroso é difícil, mas tem também pessoas que têm namorado, são casadas, que lêem simplesmente porque gostam. Eu acho que as mulheres gostam de romances, (...) gostam de sonhar, de ser bem tratadas, e no romance, a personagem é bem tratada, amada, ele (o herói) demonstra, enquanto na vida real elas não têm isso. Eu acho que elas gostam de ler porque a heroína recebe muito carinho dos personagens, na vida real geralmente o companheiro não demonstra tanto.<sup>23</sup>

O envolvimento com a leitura é tanto que as leitoras comentam as histórias com amigas, recomendam determinados romances, narram os enredos como se fossem quase reais. Isso aconteceu com V.N.P.O., que no hospital em que trabalha se viu cercada por colegas de trabalho enquanto narrava um romance:

Às vezes eu conto histórias, acho bonito. Uma vez eu estava lendo uma e aí eu levei para o serviço para terminar de ler porque

23 T.A.S., 24 anos, secretária, “Depoimento 4”.

eu queria terminar logo e a minha colega queria saber e eu contei a história mais ou menos para ela e ela queria saber o final. Aí eu fui contar para ela, no horário de intervalo, de café, e estava um monte de gente querendo saber o que que era: mas é filme? E eu: não, era Sabrina mesmo. E aí todo mundo falava: ah, não acredito que você estava lendo isso. Mas, para mim, era interessante, porque se não fosse interessante, ninguém ia parar para ficar ouvindo. Eu achei que o pessoal tem um pouco de preconceito sobre essas coisas. Mas eu conheço bastante gente que lê.<sup>24</sup>

A tradição oral, que parece perdida em muitos sentidos, de alguma forma renasce nesses momentos em que as leitoras comentam e contam histórias entre si. Na situação acima, investida da função de narrador, a leitora da literatura marginal e criticada ganhou status de centro das atenções, ao menos até o momento da revelação de que não se tratava de um filme de Hollywood, mas apenas de um “romance de Sabrina”. Naqueles minutos, entretanto, ela conquistou a atenção e a imaginação dos seus colegas do hospital. Assumir o papel de narrador é simbolicamente importante. Na tradição da oralidade, os narradores eram os viajantes, que conheciam novos lugares, e os anciãos, que acumulavam experiência e sabedoria.

Apesar desses fatos, mesmo os usos mais práticos feitos pelas leitoras, como os citados nos depoimentos, já estão previstos nos textos e no peritexto das séries sentimentais, como nas cartas publicadas na segunda página de todos os exemplares e assinada pela editora. O incentivo ao relacionamento da leitura com a vida real, a aplicação do que é lido na prática e a formação de grupos de leitoras, tudo está contido no *marketing* da editora. Dois exemplos, um do incentivo da leitura como diversão e outra sobre grupos:

Querida leitora,

O que fazer quando o dia está chuvoso, quando não está passando nada de interessante na tevê, quando não encontramos nenhum amigo, quando estamos no ônibus e o trânsito está insuportável? Fácil: ler um romance que levante o astral, que nos distraia, que nos faça sonhar!

Fernanda Cardoso – Editora.<sup>25</sup>

24 V.N.P.O., 32 anos, auxiliar de enfermagem, “Depoimento 7”.

25 Carta publicada na edição 1199 da série Sabrina. São Paulo: Nova Cultural, 2000. p. 2.

Querida leitora,

Minha mãe adora ler os Romances Nova Cultural. Ela mora em uma cidade do interior de São Paulo, Jales, e junto com algumas amigas formam um verdadeiro clube de leitoras. Sempre estão trocando opiniões sobre capas, sobre as histórias, enfim, sobre a qualidade do livro (e de vez em quando levo uns puxões de orelha se ela não gosta da história). Escreva você também dando sua opinião. Ela é muito importante para nós.

Janice Florido – Publisher.<sup>26</sup>

Como essas, em cada edição de um romance Nova Cultural, há uma carta da editora, com conselhos sentimentais, recados de todo o tipo, sempre buscando intimidade e aproximação com a leitora, fazendo a ponte entre a ficção e a vida possível. É onde são publicados avisos de concursos e pesquisas de opinião. Nada é deixado ao acaso no mundo do *marketing* editorial. Mesmo o uso do termo inglês “publisher”, ao invés de editora, ressoa como a valorização do imaginário estrangeiro – presente igualmente nos nomes das personagens e ambientação dos enredos – reconhecido e valorizado pelas leitoras.<sup>27</sup>

## Conclusão: leituras possíveis...

As leitoras entrevistadas são devidamente “alfabetizadas” em romances sentimentais; já leram dezenas, centenas até. Sabem o que esperar deles, o que irão encontrar. Se não há nenhuma novidade, de que forma extraem dessa leitura percepções novas? Ou seriam percepções antigas, apenas recicladas com uma nova aparência?

Com uma visão pragmática da leitura, essas leitoras buscam benefícios imediatos com a leitura: diversão, bem-estar, sonho, motivação para buscar uma realidade mais próxima de seus sonhos, e sabem exatamente o que vão encontrar

26 Carta publicada na edição 253 da série Clássicos Históricos. São Paulo: Nova Cultural, 2003. p. 2.

27 A editora brasileira Escala mantém a série *Doces momentos*, com romances escritos por autoras brasileiras, claramente copiando o modelo das séries norte-americanas, mas com personagens que vivem no Brasil. Comercialmente, parece não ir bem, pois os livros são vendidos em pares ou trios, por preços promocionais.

nos textos. Entretanto, elas não chegam a esse caminho sem a devida condução por parte da editora, que fornece um produto feito para atender a essa demanda.

O que pode não ser previsível é a consciência das leitoras a respeito das limitações dessa leitura: de que realmente as situações narradas são estereotipadas e as personagens são modelos fora da realidade. A consciência de que o objetivo do livro é apenas a diversão e mesmo a alienação, no sentido de fuga do cotidiano. Ao contrário de Adorno, há estudiosos, como Néstor García Canclini, que acreditam na capacidade do público de se defender do “bombardeamento” de informações da indústria cultural, aproveitando o que for de seu interesse e descartando o que não for. Nessa visão, os indivíduos são capazes de reciclar as informações e adaptá-las ao seu modo de vida, ou seja, ter uma posição crítica, consciente ou inconsciente, sobre a massificação da cultura.

Ao acreditar no senso crítico e na capacidade do público de interpretar e ressignificar as informações, é possível acreditar também na quebra da hegemonia da indústria cultural, em sua falibilidade como ideologia dominante. A partir daí as formas de entretenimento criadas por essa indústria, voltadas ao grande público, podem ser olhadas criticamente, como objetos que refletem não só um produto construído para atender uma demanda, mas aspectos da própria sociedade. É prudente moderar as certezas que se tem em relação à incapacidade de os leitores ressignificarem as leituras da literatura de entretenimento, colocando-as a serviço de suas vivências e atendendo a demandas legítimas.<sup>28</sup>

Também surpreendem os resultados práticos da leitura dos romances sentimentais, seja através da busca de pequenas melhorias no cotidiano das leitoras, seja na conquista de um tempo para si mesmas, um tempo em que não tenham que se dedicar à profissão, aos trabalhos domésticos, aos filhos e maridos. O tempo “roubado” desses outros afazeres é empregado para a alienação, não inconsciente, mas proposital. É o tempo para o sonho, para a imaginação tão pouco estimulada pelas atividades do dia-a-dia e pelas mídias digitais. Esses momentos representam, conforme revelaram as leitoras entrevistadas, as horas em que não precisam se submeter a um universo limitado às paredes de suas casas, horas de liberdade. Uma liberdade que precisa ser conquistada por essas mulheres, muitas vezes enfrentando a chacota e a crítica de quem preferia que não lessem nada a ler esses “livrinhos água-com-açúcar”.

28 Néstor García Canclini, em seu livro *Culturas híbridas*, revela seu espanto ao encontrar um artesão zapoteca, no interior do México, que com facilidade adaptava a seu trabalho informações as mais diversas, sem perder a autenticidade. “Em meia hora, vi aquele homem mover-se com fluência do zapoteco ao espanhol e ao inglês, da arte ao artesanato, de sua etnia à informação e aos entretenimentos da cultura massiva, passando pela crítica de arte de uma metrópole.” p. 241-242. O sociólogo reconhece que tendia a subestimar a capacidade do artesão de lidar simultaneamente com diferentes códigos e sistemas culturais.

As leitoras são mais usuárias dos romances sentimentais do que consumidoras passivas dos textos. Encarando a leitura como produção de sentidos e significados, e portanto como um processo, é possível perceber que da mesma forma com que os textos de diversas maneiras interferem nas vidas das leitoras, estas também ressignificam o que lêem, elaborando através das narrativas percepções que refletem e reforçam seus próprios valores.

## RESUMO

Este artigo aborda a leitura dos romances sentimentais da Editora Nova Cultural, líder de vendas desse gênero no Brasil. Com séries como *Sabrina*, *Julia* e similares, a editora conquistou leitoras fiéis desde 1978. Este artigo analisa, através de entrevistas, os usos e influência dessa leitura no dia-a-dia das leitoras. Esta visão mostra que as possibilidades oferecidas pela leitura às vezes levam a caminhos diferentes do que se poderia inicialmente supor. Mais que os textos em si, a forma como as leitoras se relacionam com eles leva a novas perspectivas no estudo dos romances sentimentais. Essa leitura aparece como forma de liberação das exigências cotidianas, fazendo as leitoras assumirem papéis ativos que fogem da aparente passividade proposta pela literatura de entretenimento. Ignorando conscientemente os aspectos estereotipados dos romances, as leitoras encontram os benefícios que a leitura pode trazer às suas vidas.

*Palavras-chave: romances sentimentais, leitura, literatura de entretenimento.*

## ABSTRACT

This article focuses on the reading of sentimental novels published by Editora Nova Cultural, a leading publisher of this genre in Brazil. Series such as *Sabrina*, *Julia* and similar ones, released weekly since 1978, have granted Nova Cultural thousands of faithful readers. By means of interviews with readers, this article attempts to show some of the motivational elements involved in selecting sentimental novels for reading and in how this choice influences these readers' daily life. The scope of possibilities offered by this kind of text sometimes leads to diverse ways than the ones initially expected. The way in which the readers relate to these texts offers new perspectives to the study of sentimental novels. The reading sets the readers free from daily tasks, making them assume active roles opposite to the apparent passivity proposed by entertaining literature. Consciously ignoring stereotyped aspects of sentimental novels, readers find benefits that reading can bring to their lives.

*Key-words: sentimental novels, reading, entertaining literature.*

## REFERÊNCIAS

- ADORNO, Theodor W. *Textos escolhidos*. Tradução de: Luiz João Baraúna. São Paulo: Nova Cultural, 1999. (Os Pensadores)
- BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Rio de Janeiro: Eldorado Tijuca, 1977.
- BORELLI, Silvia Helena Simões. *Ação, suspense, emoção*. Literatura e cultura de massa no Brasil. São Paulo: Educ, Estação Liberdade, 1996.
- ECO, Umberto. *Apocalípticos e integrados*. Tradução de: Pérola de Carvalho. São Paulo: Perspectiva, 1970.
- GARCÍA CANCLINI, Néstor. *Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. Tradução de: Ana Regina Lessa e Heloisa Pezza Cintra. São Paulo: Edusp, 1997.
- JAUSS, Hans Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Tradução de: Sérgio Tellaroli. São Paulo, Ática, 1994.
- JOUBE, Vincent. *A leitura*. Tradução de: Brigitte Hervor. São Paulo: UNESP, 2002.
- MEIRELLES, Simone. *Das bancas ao coração: romances sentimentais e leitura hoje*. Curitiba, 2002. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal do Paraná.
- SILVA, Paulo Sérgio. *Leitoras indiscretas visitam as bancas*. São Paulo, 1994. 21f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Departamento de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo.
- MODLESKI, Tania. *Loving with a vengeance*. Mass-produced fantasies for women. New York: Routledge, 1996.
- ZILBERMAN, Regina. *Fim do livro, fim dos leitores?* São Paulo: Senac, 2001.